

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**CAROLINE DA SILVA CAMINHA**

**A LITERATURA SOBRE *CODE-BLENDING* E SEU IMPACTO NA CONSTRUÇÃO  
TEÓRICA DO BILINGUISTO BIMODAL: UMA REFLEXÃO SISTEMÁTICA**

**Porto Alegre  
2018**

CAROLINE DA SILVA CAMINHA

**A LITERATURA SOBRE *CODE-BLENDING* E SEU IMPACTO NA CONSTRUÇÃO  
TEÓRICA DO BILINGUISMO BIMODAL: UMA REFLEXÃO SISTEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em Letras pela Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Sandro Rodrigues da  
Fonseca

Porto Alegre

2018

CAROLINE DA SILVA CAMINHA

**A LITERATURA SOBRE *CODE-BLENDING* E SEU IMPACTO NA CONSTRUÇÃO  
TEÓRICA DO BILINGUISMO BIMODAL: UMA REFLEXÃO SISTEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em Letras pela Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Sandro Rodrigues da  
Fonseca

Aprovada em 24 de janeiro de 2018.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carina Rebello Cruz

---

Prof. Me. Nelson Goettert

---

Prof. Me. Vinicius Martins Flores

Dedico esse trabalho ao meu pai, Maurício Lessa Caminha (*in memoriam*), e à minha avó, Zulmira Rosa Sá Brito (*in memoriam*), por terem sido sempre dois de meus principais exemplos e apoiadores.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe por ser sempre essa luz e fonte de inspiração. Maria, Maria é definitivamente uma força que nos alegra. Obrigada pelo apoio incondicional a todos os meus projetos, pela dedicação para comigo e por ser sempre a melhor amiga que eu poderia ter. Obrigada ainda por, mesmo que sem perceber, ter me inspirado com a chama do ensino público desde quando muito pequena. Todo o meu agradecimento e carinho serão sempre teus.

Obrigada ao meu irmão, Renan, por ter sido sempre um companheiro querido para todos os momentos da vida. Agradeço por sempre ter adoçado todos os momentos difíceis pelos quais eu passei, sempre sendo um pilar de força.

Agradeço ainda à minha família, avó, tios e primos, pois tenho a sorte de tê-los sempre presentes em todos os momentos da minha vida. Agradeço especialmente à minha dinda e segunda mãe por ter me guiado sempre e ter investido em mim e na minha educação: não teria chegado até aqui se não fosse pelo teu apoio. Obrigada, ainda, à minha tia Lili, que desde muito cedo me ensinou a amar a língua que hoje é minha profissão. Não poderia deixar de agradecer ao Dilamar pela presença constante, acolhedora e reconfortante durante todos os últimos anos – é um prazer te ter nas nossas vidas, meu querido padrasto!

Agradeço imensamente à família Mancuso por ter me acolhido na sua casa e igualmente me apoiar ao longo dos meus anos de graduação: poder contar com vocês é um presente de Deus. Ao Antônio, palavras jamais irão expressar o quanto sou feliz por ter a tua companhia. Obrigado por ter sido minha fortaleza e por segurar minha mão a cada tropeço, jamais me deixando cair.

Obrigada ao Lucas Desimon, grande amigo que o curso de Letras me deu desde o primeiro dia de aula. Sem tua ajuda e suporte eu não teria trilhado meu caminho neste curso e nem teria conseguido chegar hoje ao seu final. Obrigada por ser sempre presente em minha vida.

Às colegas de faculdade que foram um presente nesse final de curso, Luísa Cavalheiro, Caroline Freitas e Giovanna Lyra, pois mais do que parte da comissão de formatura, foram amigas que me apoiaram incansavelmente ao longo dos últimos meses, sempre trocando experiências e desabafos. À Aline Alberto, com quem dividi ainda mais meus últimos meses, companheira de estudos nesse tema tão encantador que é a área de estudos surdos. Este trabalho não teria sido possível sem a tua enriquecedora colaboração: obrigada, obrigada e obrigada.

Aos amigos-irmãos que a vida nos dá, agradeço à Mariana Ennes Guedes, com quem dividi a minha vida inteira desde o nascimento, e à sua mãe Mara Ennes Guedes por ter sempre me recebido como uma filha. Além de amiga, agora também comadre, te agradeço pelo presente e honra que é poder ser dinda do Enzo, por quem tenho o mais profundo amor e carinho. Obrigada ao Enzo, que mesmo tão pequeno me inspira diariamente a ser uma pessoa melhor.

Também agradeço à amiga Luiza Sansone, com quem sempre pude compartilhar minha vida pessoal e acadêmica, por todo o apoio e incentivo. À família Sansone meu muito obrigada por todo o apoio sempre dado. Agradeço, ainda, à amiga Caroline Ramos, por todos os conselhos e ajuda nos momentos em que o medo de não dar conta aparecia – obrigada por sempre ter me mostrado que eu era capaz.

Agradeço à professora Ingrid Finger, com quem conheci o tema de meu trabalho de conclusão, por ser um exemplo de profissional e, acima disso, um modelo de pessoa. Obrigada por toda a inspiração e palavras carinhosas, tão preciosas nesse momento final da faculdade.

Obrigada, ainda, ao professor Nelson Goettert, membro da banca, por, ainda em 2012, quando eu era estudante de Farmácia, ter me feito descobrir um amor pela Libras. Não teria sido capaz de realizar esse trabalho hoje se não fosse pelas aulas incríveis que recebi ainda na FACED. Obrigada também por todas as considerações feitas sobre o trabalho.

Obrigada ao professor Vinícius Flores e à professora Carina Rebello, membros da minha banca, pelas valiosíssimas contribuições enriquecedoras. Todas elas foram extremamente importantes para que esse trabalho pudesse ficar melhor.

Por fim, deixo um agradecimento muito especial ao meu orientador, Sandro Fonseca, por toda a ajuda e incentivo durante os últimos meses para que esse trabalho pudesse ter sido realizado. Agradeço a confiança depositada em mim e no meu trabalho e por ter abraçado a minha ideia tão logo a levei para ti. Nada disso seria possível não fosse pela tua ajuda e orientação que foram enriquecedoras e fundamentais para a realização desse trabalho. Muito obrigada por tudo!

“Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo.”

(Ludwig Wittgenstein)

## RESUMO

O bilinguismo bimodal se apresenta como uma perspectiva interessante para a compreensão da organização e do uso da linguagem. Este trabalho de conclusão de curso faz uma reflexão sobre a literatura acerca do *code-blending*, um produto do bilinguismo que se materializa enquanto fruto do contato interlinguístico de línguas de modalidade oral-auditiva e visuoespacial. O objetivo do trabalho foi averiguar o que a literatura da área da linguística apresenta sobre o *code-blending* em bilíngues bimodais. Para tanto, foi organizada uma revisão sistemática na base de dados da Capes. Os resultados mostram estudos focados em questões voltadas à cognição e à organização das línguas a partir dessa perspectiva, tendo enfoque majoritariamente nos pares ASL e inglês. Poucos resultados foram encontrados em estudos com a Libras. Portanto sugere-se a importância do conhecimento acerca do *code-blending* a fim de oferecer uma descrição maior de suas características, como do fato dele não oferecer prejuízos para os bilíngues.

**Palavras-chave:** Bilinguismo bimodal. *Code-blending*. Língua de sinais.



## **ABSTRACT**

Bimodal bilingualism presents itself as an interesting perspective for an understanding of the organization and usage of language. This work makes a reflection on a literature on code-blending, a byproduct of bilingualism as a result of an interlingual contact of languages from oral and visual modalities. The objectives of the study were systematically reflect on the linguistic literature on the code-blending in bimodal bilinguals and think about how it contributes to the theoretical construction of this type of bilingualism. In order to fulfill such a purpose, a systematic review was organized in the Capes database. The results show studies focused on cognition issues and an organization of languages, with some articles focusing into code-blending effects in the lives of deaf people and sign interpreters. Therefore, this work suggests that it is important to know more about code-blending in order to be able to have a better view of its characteristics and to clarify that it causes no harm for bimodal bilinguals.

**Key-words:** Bimodal bilingualism. Code-blending. Sign language

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de mudança diacrônica nas línguas de sinais .....	15
Figura 2 - Exemplo de motivação icônica nas línguas de sinais .....	16
Figura 3 - Exemplo da utilização da composição em LIBRAS.....	17
Figura 4 - Exemplo do padrão gramatical SVO na LIBRAS .....	17
Figura 5 - Exemplo do caráter fonológico das línguas de sinais .....	18
Figura 6 - Exemplo do caráter produtivo da LIBRAS.....	18
Figura 7 - Exemplo da codificação do traço semântico [+/- animado] em LIBRAS .....	19
Figura 8 - Exemplo de representação do universal linguístico da negação.....	19
Figura 9 - Exemplo de formação ilimitada a partir do mesmo conjunto de palavras.....	20

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - <i>Code-blending</i> e <i>sign language</i> .....	30
Tabela 2 - <i>Code-blending</i> e <i>sign language interpreter</i> .....	32
Tabela 3 - <i>Code-blending</i> e Libras .....	33

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>13</b>
2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM .....	13
2.2 LÍNGUA DE SINAIS.....	14
2.3 BILINGUISMO.....	22
2.4 BILINGUISMO BIMODAL .....	23
2.5 BILINGUISMO E COGNIÇÃO .....	24
2.6 <i>CODE-MIXING</i> .....	25
2.7 <i>CODE-SWITCHING</i> .....	26
2.8 <i>CODE-BLENDING</i> .....	27
2.9 <i>SIMULTANEOUS COMMUNICATION/TOTAL COMMUNICATION</i> .....	28
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	30
3.1 OBJETIVO GERAL.....	30
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	30
3.3 PLATAFORMA DE PESQUISA E DEMAIS CUIDADOS .....	31
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	32
4.1 SOBRE OS ESTUDOS ANALISADOS.....	34
4.2 ANÁLISE DOS ARTIGOS SELECIONADOS .....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presença do bilinguismo é uma constante. O entendimento que temos sobre a linguagem, portanto, se beneficia grandemente se olharmos para a sua constituição em contextos de uso e aquisição de mais de uma língua. Isso se torna ainda mais interessante quando pensamos no contexto do bilinguismo bimodal. Uma vez que esse fenômeno acarreta a diferença causada pela distinção de modalidade entre as línguas, sendo no caso dos bilíngues bimodais brasileiros a Língua Portuguesa como sendo a língua oral-auditiva e a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, a língua visuoespacial.

Sua importância se dá porque esse tipo de uso linguístico produz resultados diferenciados. Enquanto no bilinguismo entre línguas de mesma modalidade, como em duas línguas orais, encontramos uma grande frequência de *language switching* ou *language mixing*, como será detalhado nos pressupostos teóricos que orientam esse trabalho, no caso do bilinguismo bimodal encontramos um momento de sobreposição no que cerne à produção das línguas de modalidades diferentes chamado de *code-blending*. Este trabalho dedica-se a abordar a literatura sobre o fenômeno do *code-blending* e o seu impacto na construção teórica do bilinguismo bimodal. Para o estudo aqui relatado, buscamos na introdução de nosso trabalho uma forma de trazer ao leitor alguns aspectos importantes relacionados com a justificativa do estudo bem como com a apresentação de seus aspectos principais.

Nesse sentido, vemos que o estudo do *code-blending* se justifica de várias maneiras. Para a sociedade, o tema é relevante, pois com mais estudos sobre o fenômeno, é possível melhorar a formação de professores, intérpretes e fonoaudiólogos – complementando, conseqüentemente, a formação dos surdos. Por termos a maioria dos estudos realizados na língua inglesa, passamos a ter uma limitação importante para adquirir conhecimentos nesse assunto, uma vez que os estudos realizados sobre o assunto em língua portuguesa não são suficientes para uma compreensão total sobre as implicações do *code-blending*.

Para a ciência, ele representa uma oportunidade para desafiar os conceitos sobre a constituição da linguagem. Isso acontece devido à diferença de modalidade linguística visuoespacial das línguas de sinais. Para que possamos melhor entender a linguagem e o seu processo de aquisição, é importante olhar para todos os seus aspectos, incluindo o bilinguismo bimodal, que é uma área de estudos nova em comparação com o bilinguismo unimodal. Por isso,

refletir sobre o *code-blending* significa refletir sobre como a linguagem pode ser organizada, sistematizada e controlada na mente dos bilíngues. Além disso, conhecer mais sobre tal fenômeno representa uma oportunidade para compreender o processo social de uso da linguagem por parte de uma população bilíngue bimodal (como CODAs e intérpretes) que anteriormente não foi estudada. Isso acarreta em mais conhecimento por parte de professores, psicólogos, intérpretes de Libras, gestores, além de familiares e membros da comunidade, o que acarreta em um ganho social ímpar.

Pessoalmente, a motivação para este trabalho ganha significado em uma oportunidade para conhecer mais sobre uma área do bilinguismo, pouco explorada pela academia, bem como oferecer uma contribuição para a comunidade científica brasileira no sentido de olhar para a literatura acerca do tema de forma inicial, porém sistematizada. Acredito que o fato de termos poucas publicações em português sobre o assunto, refletindo o pouco que a ciência brasileira tem estudado sobre ele, possa comprometer uma melhor difusão de conhecimento acerca das línguas de sinais no país. Para a condução da reflexão aqui relatada, contudo, é necessário ter em mente os aspectos teóricos que dão base para a compreensão do bilinguismo bimodal. Esses aspectos serão discutidos na seção a seguir.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, serão explicitados alguns conceitos importantes que dão a base para discutirmos o fenômeno do *code-blending* dentro do bilinguismo bimodal. Primeiramente serão colocados pontos relativos à perspectiva teórica que se relaciona aos conceitos de língua e linguagem, bem como quanto à organização estrutural da Libras em contraponto com a Língua Portuguesa, seguido de definições sobre o bilinguismo e o bilinguismo bimodal. Em seguida, esses conceitos serão contextualizados com produtos do contato linguístico como *code-mixing* e *code-switching*. Por fim, para situarmos sobre o fenômeno alvo de nossa discussão e análise, serão colocados aspectos do *code-blending* em contexto com a linguagem e a cognição.

### 2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

Nesta seção, para compreender o bilinguismo bimodal, percebemos que se exige dar um passo atrás e ver como ele está inserido no conceito de língua estruturada. Uma língua pode ser compreendida por várias vertentes teóricas. Uma forma que ganhou destaque na literatura e que será utilizada neste trabalho é baseia-se em olhar para a língua do ponto de vista de sua estrutura. Por essa visão, optamos por pensar nas línguas de sinais olhando para a organização da linguagem, quanto aos seus níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e discursivo. A seguir, os níveis de análise serão exemplificados, ainda que não exaustivamente.

A partir da revisão e discussão em Fiorin (2015), discutimos aspectos linguísticos importantes para a constituição da estrutura das línguas. Por exemplo, o nível fonológico é conceituado como uma análise dos segmentos sonoros de uma língua a partir de sua menor unidade, os fonemas. Um exemplo desse nível de análise em português é nossa capacidade de diferenciarmos pares mínimos por uma única diferença sonora (como “vaca” e “faca” ou “pula” e “bula”) representados pelas letras v, f, p e b, respectivamente. Na Libras, essa distinção poderia ser marcada pela configuração de mão, movimento ou locação, por exemplo. O nível morfológico é conceituado como nossa capacidade de analisar a palavra a partir de sua função, estrutura, flexão, processos de formação e classificação. Exemplos de análise morfológica consistem na capacidade de alterarmos o significado das palavras a partir da adição de prefixos ou sufixos ao

radical, um exemplo disto pode ser dado pela palavra “feliz” que pode adquirir um sentido oposto quando da adição do prefixo -in, formando “infeliz” – ou ainda, “contente” e o prefixo -des, formando “descontente”. Na Libras, essas diferenças também são marcadas por expressões faciais. O nível sintático, por sua vez, se relaciona ao nível de análise da frase, em como elas são construídas e nas possibilidades de expressar o que desejam. Para isso, muitas vezes a análise se baseia em olhar as relações estabelecidas entre as frases e as palavras e entre mais de uma frase. Uma vez que as palavras assumem distintos significados na língua em uso, o campo da pragmática passou a englobar o estudo da linguagem comum e do uso concreto desta. Por outro lado, a semântica passou a tratar de questões relativas ao sentido das palavras, frases ou textos de uma língua, podendo também traçar análises sobre as mudanças que os sentidos adquirem através da passagem do tempo. Já o campo do discurso, busca analisar as construções ideológicas presentes na linguagem.

Desse modo, por se tratarem de línguas legítimas, as línguas de sinais podem ser analisadas seguindo os mesmos princípios acima, como faremos a seguir, valendo-se dos universais linguísticos.

## 2.2 LÍNGUA DE SINAIS

Ao fazermos uma breve análise sobre a história das línguas de sinais, vemos como elas foram marcadas pela negação de seu estatuto linguístico por muito tempo, sendo não reconhecidas como línguas. Em 1880, houve um congresso realizado em Milão em que as línguas de sinais foram proibidas, inclusive prevendo punições aos surdos que as usassem; nesse momento, houve o movimento forçado de oralização. No entanto, durante a década de 60, foi o trabalho do professor William Stokoe (1960) que lançou a base para o entendimento das propriedades linguísticas estruturais da *American Sign Language* - ASL, contribuindo para que novos sentidos fossem dados a essas línguas, bem como o avanço das pesquisas na área. Surgia uma nova concepção de ensino de surdos - antes marcada pelo oralismo - e para a compreensão que hoje temos da Língua Brasileira de Sinais como uma língua com status linguístico igual ao de línguas orais, o que futuramente foi fundamental para conceber o bilinguismo. O trabalho de Quadros e Karnopp (2004) nos ajuda a entender como essa estrutura funciona e será utilizado como base para a sua exemplificação a seguir.



Quando pensamos nas línguas de sinais do ponto de vista estrutural, o primeiro ponto de diferença é pensarmos em sua modalidade visuoespacial, que a distingue das línguas orais-auditivas por ser receptada e produzida por canais diferentes (nas línguas orais, pelo aparelho fonador). Esse conceito se estabelece no cerne do signo linguístico na relação arbitrária entre o significado e o significante, respectivamente entre a imagem acústica ou fônica e a substância do conteúdo. Em outras palavras, isso quer dizer que não existe nessa estreita relação algo que seja motivado pelas propriedades do conteúdo deste significado, mesmo quando há a presença de motivação icônica nos sinais, pois ainda assim a relação entre significado e significante é arbitrária.

Muitas outras características também se sobressaem no contraste entre as línguas orais-auditivas e visuoespaciais. Os universais linguísticos estão entre elas, uma vez que o pode ser encontrado nas línguas orais se evidencia também nas línguas de sinais sendo identificado de outras maneiras. Embora a comparação em alguns casos não seja imediata, não há como invalidar os universais linguísticos, uma vez que eles são encontrados em todas as línguas, conforme veremos a seguir. Fromkin & Rodman (1993 apud SALLES et al., 2002) fazem uma sistematização que usaremos para apresentar ao leitor de forma resumida como tais universais linguísticos se evidenciam nas línguas de sinais.

O primeiro desses universais fala que (a) onde houver língua haverá linguagem para isso. As autoras supracitadas trazem uma lista de línguas de sinais<sup>1</sup> pertencentes a países distintos dos cinco continentes para comprovar que, assim como as línguas orais, as línguas de sinais existem em todos eles e pessoas dispostas em qualquer lugar do mundo são capazes de se expressar através delas. Apresenta, na sequência, o fato de (b) não haver línguas primitivas, explicando que todas possuem mesmo grau de igualdade e complexidade, podendo sendo capazes de expressar qualquer ideia. Para exemplificar, traz o exemplo da palavra *e-mail*, provando que o vocabulário das línguas de sinais também pode ser expandido para incluir novos vocábulos e conceitos através do tempo.

---

<sup>1</sup> Salles et al. (2002) faz a listagem de algumas delas, como: LGP - Língua Gestual Portuguesa, ASL- Língua Americana de Sinais, LSF Língua Francesa de Sinais, HSE - Hausa Sian Language (Nigéria), LIS - Língua Italiana dei Segni, LSF - Langue des Signes Française, ASL-American Sign Language, BSL - British Sign Language, LSA - Lengua de Senas Argentina, LSA - Língua de Sinais Australiana, USC - Lengua de Señas Chilena, JSL - Japanese Sign Language, LSQ - Langue des Signes Québécois e LSUK - Língua de Sinais Urubu Kaapor.

Outro universal linguístico apresentado é o da mutabilidade, que prova que (c) todas as línguas mudam através do tempo. Para isso, traz o exemplo de dois sinais da Libras para o sinal PESSOA - um usado no passado e um atualmente - conforme figura 1, abaixo.

Figura 1 – Exemplo de mudança diacrônica nas línguas de sinais



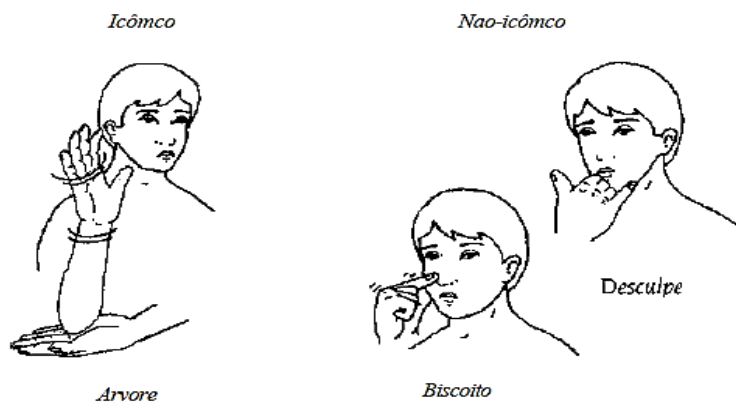
*Pessoas (passado)*

*Pessoas (hoje)*

Fonte: Salles et al. (2002, p. 87).

É importante mencionar que, embora o exemplo dado seja com **pessoas**, esse sinal é uma representação de variação linguística, uma vez que no Rio Grande do Sul o sinal considerado antigo ainda segue sendo usado. Um exemplo de um sinal que mudou totalmente é o referente à televisão (antigamente marcado pela alteração do canal em um botão giratório e, hoje em dia, feito em alusão ao controle remoto). Continuando sobre a questão dos universais linguísticos, traz à tona a arbitrariedade do signo linguístico, conceito exposto pela primeira vez por Ferdinand de Saussure, provando que (d) as relações entre sons e significados das línguas orais e entre os sinais e significados das línguas de sinais são majoritariamente arbitrários. Para exemplificar, trazemos a Figura 2 com exemplos desses sinais na Libras, pois embora haja a motivação icônica de muitos sinais, existem muitos também sinais imotivados.

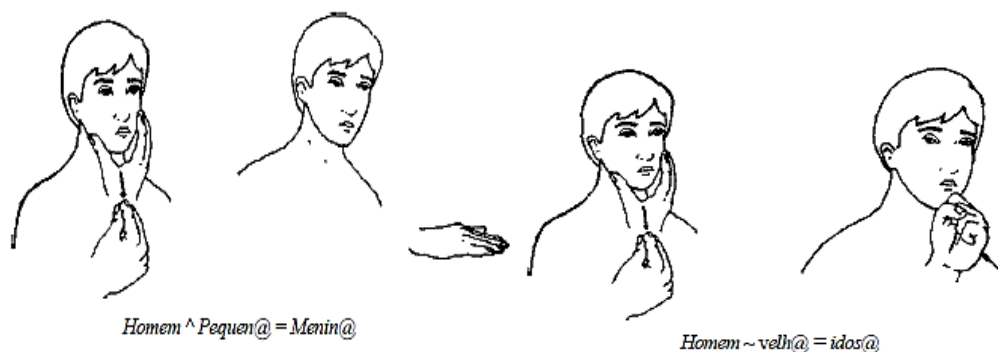
Figura 2 – Exemplo de motivação icônica nas línguas de sinais



Fonte: Salles et al. (2002, p. 88).

Além disso, outro universal importante fala que (e) as línguas humanas utilizam um conjunto limitado de sons (ou sinais) que são combinados para formar elementos significativos (ou palavras). São esses elementos que formam um conjunto infinito de sentenças possíveis de se realizar, desde que respeitem o que prevê a gramática da língua quanto à formação de palavras e frases. A esse quesito é atribuído o nível morfológico das línguas de sinais. Prova disso está na composição, um recorrente processo de formação de palavras, que tanto em Língua Portuguesa como em Libras ilustra um desses casos. O exemplo abaixo, na Figura 3, nos mostra esse caso.

Figura 3 – Exemplo da utilização da composição em LIBRAS



Fonte: Salles et al. (2002, p. 89).

Cabe ainda citar que a formação sintática da Libras obedece ao padrão SVO (sujeito-verbo-objeto), logo, todas as frases formadas para serem gramaticais seguem esse padrão, conforme exemplo abaixo na figura 4:

Figura 4 – Exemplo do padrão gramatical SVO na LIBRAS

EUGOSTARMAÇÃ'Eu  
gosto de maçã.'

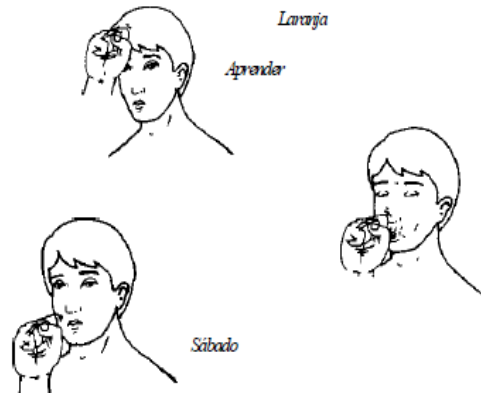
EUGOSTARBANANA'Eu  
gosto de banana.'

EUGOSTARVOCÊ'Eu  
gosto de você.'

Fonte: Salles et al. (2002, p. 90).

O universal linguístico seguinte determina que (f) toda língua falada inclui segmentos sonoros discretos, como [p], [n], ou [a], para as línguas orais, que podem se definir por um conjunto de propriedades ou traços, uma vez que toda língua oral tem uma classe de vogais e uma classe de consoantes. Embora o componente sonoro não ocorra, de mesmo modo, toda língua de sinais apresenta segmentos na composição dos sinais. São constituintes do sinal, semelhantes aos fonemas em português, os seguintes segmentos: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (Or) e expressões não-manuais (ENM). O que determina o caráter fonológico das línguas de sinais está no fato de que estes podem se distinguir em um dos segmentos citados, alterando o significado, conforme o exemplo abaixo apresentado na Figura 5.

Figura 5 – Exemplo do caráter fonológico das línguas de sinais<sup>2</sup>

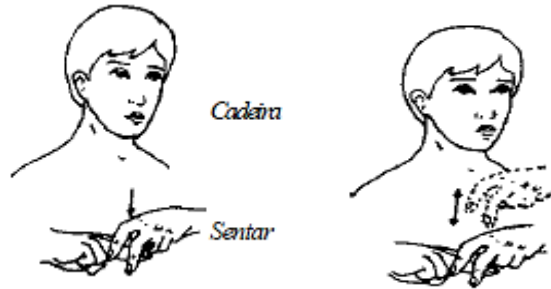


Fonte: Salles et al. (2002, p. 90).

Outro exemplo em que essa diferença se faz percebida está na construção de perguntas, onde as expressões não-manuais são fundamentais para a compreensão da mensagem. Consequentemente, ainda explanando sobre os universais linguísticos, as línguas de sinais também possuem (g) várias categorias gramaticais (como nomes, verbos, entre outros). Pensando em suas características, há em seus sinais, assim como nas palavras no português, alguns padrões, o que representa processos produtivos. Coisas seriam representadas predominantemente por configurações de mão e mudanças por sucessões de movimentos e suspensões, logo, poderia ser combinado um sinal que contém as propriedades lexicais e um sinal detonador de evento para produzir novas palavras, demonstrando uma característica morfológica na formação de novas palavras. No exemplo abaixo da Figura 6, segue a ilustração do sinal representativo do ato de sentar.

<sup>2</sup> Conforme Salles et al. (2002, p. 90) os sinais destacados apresentam contrastes no ponto de articulação entre APRENDER e SÁBADO e na expressão não-manual entre LARANJA e SÁBADO.

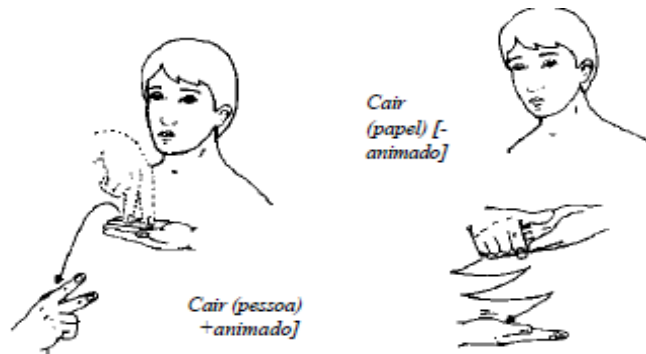
Figura 6 – Exemplo do caráter produtivo da LIBRAS



Fonte: Salles et al. (2002, p. 92).

Outra característica que confere o caráter linguístico às línguas de sinais são seus universais semânticos (como fêmea e macho, ou animado, ou humano) que são possíveis de encontrar em todas as línguas. A figura 7, abaixo, nos ilustra um exemplo disto entre os sinais de pessoa (que seria [+ animado]), papel (que seria [- animado]) e o verbo cair nos dois casos.

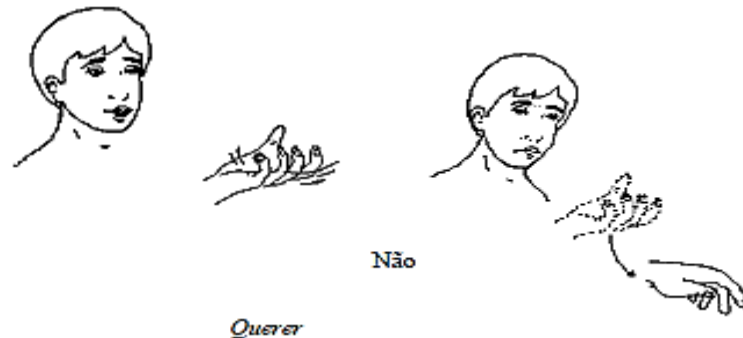
Figura 7 – Exemplo da codificação do traço semântico [+/- animado] em LIBRAS



Fonte: Salles et al. (2002, p. 92).

Outro universal linguístico a apresentar diz respeito ao (g) fato de todas as línguas possuírem formas para indicar tempo passado, negação, pergunta, comando, entre outros. A figura 8, abaixo, nos traz um exemplo que demonstra a ligação entre o sinal de não e de querer para demonstrar uma forma de expressão negativa para querer. Importante destacar que há alguns casos em que o sinal altera quando na forma negativa (como no exemplo abaixo). Contudo, há casos em que a negação é feita por uma composição do sinal da palavra mais o sinal para não, como em não gosto.

Figura 8 – Exemplo de representação do universal linguístico da negação



Fonte: Salles et al. (2002, p. 93).

O universal linguístico da (h) capacidade infinita de produzir e compreender conjunto infinito de sentenças também confere o caráter de língua às línguas de sinais. Isso é possível pelos universais sintáticos que revelam ser possível a formação de sentenças a todas as línguas. A figura 9, abaixo, traz exemplo da formação ilimitada de sentenças a partir do mesmo conjunto de palavras.

Figura 9 – Exemplo de formação ilimitada a partir do mesmo conjunto de palavras

LIBRAS: ANA FILH@  
 LP: Ana tem um filho/ O filho da Ana (ambíguo)

LIBRAS: MÃE SABE ANA FILH@ LP: A  
 mãe sabe que Ana tem um filho

LIBRAS: VOCÊ GRÁVIDA MÃE SABE LP: A  
 mãe sabe que você está grávida? Você está grávida, sua mãe sabe?

Fonte: Salles et al. (2002, p. 93).

E, por fim, (j) que crianças em diferentes partes do mundo, de qualquer origem racial, geográfica, social ou econômica, adquirem a língua que estejam expostas. Este fato estende a característica inata de aquisição da linguagem também às línguas de sinais e é fundamental para pensarmos o fenômeno do *code-blending*.

### 2.3 BILINGUISMO

Ainda que existam poucos países monolíngues no mundo – a maioria deles têm ao menos dois idiomas oficiais –, nem todos eles podem ser considerados bilíngues. De acordo com os estudos feitos pelo IBGE com base no Censo 2010, cerca de 274 línguas indígenas são faladas no Brasil, sem contar com línguas de comunidades imigrantes e línguas estrangeiras aprendidas no país. O português e a Libras, que são as duas línguas oficiais do território, não estão inclusas nessa contagem. No entanto, o Brasil não era considerado um país bilíngue até 2002, quando a Libras foi reconhecida como uma língua oficial por meio da Lei nº 10.436, sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso (BRASIL, 2002). Isso não classifica, porém, todos os falantes brasileiros como bilíngues, uma vez que nem todos adquirem dois idiomas.

É importante salientar que a classificação de o que faz uma pessoa ser bilíngue não é uma unanimidade na área. Em 94% dos países do mundo fala-se mais de uma língua (OLIVEIRA, 2004). Atualmente, podemos encontrar vários conceitos de bilinguismo disponíveis, o excerto abaixo ilustra isso:

It is inevitable that most countries should be multilingual: the number of independent countries is less than 200, while the number of languages spoken in the world probably is between 4.00 and 5.00, depending on how a language is defined. (SKUTNABB-KANGAS, 1988, p.11)<sup>3</sup>.

Há algumas pessoas que defendem a ideia de que bilinguismo é o ato de falar, escrever, ler e compreender uma segunda língua fluentemente, como se fosse um “nativo” do idioma (BLOOMFIELD, 1935 apud HAMERS; BLANC, 2000). Outro conceito para o termo é o defendido por Finger et al. (2016), que considera como bilíngue a pessoa que, em alguma área da sua vida, possui a habilidade linguística necessária para se comunicar em um segundo idioma. Esse segundo conceito pode ser associado ao Princípio da Complementaridade, em que Grosjean e Li (2013) explicam como uma pessoa bilíngue, apesar de possuir conhecimentos em duas línguas, não necessariamente utiliza ambas em todas as suas áreas de comunicação – assim, esse indivíduo não necessariamente teria o conhecimento necessário para poder falar de um determinado assunto na sua segunda língua (L2), uma vez que por não ter o costume, pode não

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “É inevitável que a maioria dos países devem ser multilíngues: o número de países independentes que deve ser multilíngues: o número de países independentes é menor do que 200, enquanto que o número de línguas faladas no mundo é provavelmente entre 4.000 e 5.000, dependendo de como uma língua é definida”.



ter o vocabulário para aquela situação. Os autores ainda citam o fato de que se esse indivíduo fizesse uso das suas duas línguas em todas as suas áreas de conhecimento e de convivência, provavelmente não seria então necessário o bilinguismo para ele, uma vez que apenas uma das línguas já seria suficiente para uma comunicação efetiva e eficaz no seu dia a dia.

## 2.4 BILINGUISMO BIMODAL

Valendo-se do conceito de bilinguismo, o bilinguismo bimodal é quando uma pessoa utiliza línguas de diferentes modalidades para se comunicar. Assim, essa pessoa tem possibilidades de recursos linguísticos que uma pessoa que seja bilíngue unimodal não tem. Os exemplos sobre esses recursos serão providos nos próximos tópicos. A característica de modalidade de uma língua é definida de acordo com o modo como essa língua é utilizada (EMMOREY et al., 2008). O português, por exemplo, é uma língua oral porque faz uso da boca, língua e pregas vocais para ser produzido; logo, trata-se de um processo oral-auditivo. A Libras, por sua vez, é uma língua de sinais porque faz uso das mãos, braços e expressões faciais para ser produzida; logo, o processo de produção é visuoespacial.

Contudo, uma conversa não é considerada como bilíngue bimodal quando uma produção oral está sendo feita com a presença de gestos. O processo de comunicação bilíngue só ocorre quando duas línguas estão sendo utilizadas, e como gestos não formam uma língua, de acordo com os conceitos estabelecidos previamente, uma vez que não possuem regras gramaticais nem estrutura interna próprias, uma conversa que os tenha sendo utilizados não pode ser considerada como bilíngue bimodal – nem como bilíngue. Línguas de sinais são compostas por uma estrutura complexa, com elementos como verbos e substantivos, além de níveis morfológico, semântico e pragmático, que são os elementos que possibilitam, assim, a produção de frases completas e bem estruturadas gramaticalmente.

A produção de gestos utilizados que podem acompanhar línguas orais e línguas de sinais, no entanto, não oferece a mesma possibilidade: eles não são completos e não possuem significados por si só. Uma vez que os gestos não constituem uma língua, de acordo com o mencionado acima, fica claro o motivo pelo qual eles não podem formar uma conversa bilíngue bimodal – eles indicam apenas uma conversa monolíngue com o uso de gestos, a qual difere dos fenômenos linguísticos que serão apresentados posteriormente. O conceito de conversa bilíngue

bimodal que será considerado daqui por diante, então, será o de uma interação em que as pessoas façam uso de uma língua oral e uma língua de sinais durante a mesma conversa.

## 2.5 BILINGUISMO E COGNIÇÃO

Existem diversos estudos com distintas considerações acerca dos benefícios e dos malefícios que o fato de ser bilíngue possa implicar em um sujeito, seja ele adulto, seja criança. Algumas pesquisas iniciais defendiam a tese de que uma criança aprender mais de uma língua no período de aquisição da sua língua materna (L1) poderia resultar em uma demora maior para aprender ambas as línguas e, além disso, também “[...] apontavam o bilinguismo como causa de baixo quociente intelectual e confusão linguística” (DIAZ, 1983, apud CABRAL NOBRE; DANTAS HODGES, 2010, p. 181). Com o passar do tempo, novos estudos foram desenvolvidos e as pesquisas mais recentes indicaram respostas opostas às de outrora. Um exemplo disso, que explica neurologicamente as implicações do bilinguismo na cognição, é comentado na passagem a seguir:

Estudos recentes em neuroimagem têm mostrado que a constante alternância de códigos em que os bilíngues invariavelmente e inevitavelmente engajam cria conexões menos rígidas entre os neurônios, formando sinapses mais flexíveis (entre as palavras e seus referentes, por exemplo) o que, por sua vez, permite mais plasticidade entre elas (PARADIS; GENESEE; CRAGO, 2011). Sabe-se que a plasticidade é a base neural para qualquer aprendizagem (DEHAENE, 2000), portanto, quando mais flexibilidade e plasticidade sináptica, mais predisposição a acontecerem aprendizagens subsequentes. (VIAN JR; WEISSHEIMER; MARCELINO, 2016, p. 407-408).

Tendo como base estudos que seguiam essa linha, como citado acima, em que possíveis vantagens/benefícios cognitivos seriam providos em razão do bilinguismo, outro mito também surgiu – como o que indicava que crianças bilíngues seriam mais inteligentes do que crianças monolíngues. Apesar de alguns mitos criados pelo imaginário popular, é fato que o bilinguismo incorre em efeitos cognitivos – um dos motivos é a já supramencionada plasticidade sináptica que é afetada. Sendo uma das consequências dessa maior plasticidade a facilidade para adquirir novos conhecimentos (não necessariamente apenas linguísticos) e também a execução de outras tarefas que envolvam reorganização de dados e lidar com símbolos, possivelmente como resultado de terem que organizar a troca entre as duas línguas que elas podem falar. (PEAL; LAMBERT, 1962

apud BIALYSTOK; BARAC, 2013, p. 173). Sobre as ligações entre o bilinguismo e a cognição, ainda encontra-se:

An active area of research since 2000 has followed up this early evidence for a cognitive advantage in bilinguals by focusing on the set of cognitive abilities known as the executive function. These are the processes responsible for attention, selection, inhibition, shifting, and flexibility that are at the center of all higher thought. Exciting new research is now providing strong evidence that early bilingualism has the power to set in place precocious development of these crucial skills and maintain them at a higher level than found for monolinguals through adulthood and into older age. (BIALYSTOK; BARAC, 2013, p. 173-174).<sup>4</sup>

Desse modo, é possível perceber como a percepção sobre o modo que o bilinguismo afeta a cognição, especialmente das crianças, mudou muito nas últimas décadas, em se comparando aos estudos iniciais realizados na década de 20. Assim sendo, há a produção de muitos processos cognitivos complexos que ocorrem em função do bilinguismo, como o *code-switching* e o *code-blending*, que serão tratados a seguir.

## 2.6 CODE-MIXING

O *code-mixing* é um fenômeno linguístico interessante que é caracterizado pela mistura de códigos oriundos de duas ou mais línguas de um bilíngue. O trabalho de Muysken (2007) nos mostra que podem haver formas diferentes de mistura entre as línguas. Por exemplo, o *heavy borrowing*, também chamado de empréstimo pesado, acontece quando há um empréstimo na direção do vocabulário não nuclear de uma língua, como por exemplo, quando há necessidade de trazer termos específicos que os nativos dessa língua ainda não nomearam, normalmente substantivos e marcas do discurso. Muysken (2007) também explica que a mistura de códigos pode acontecer por partes de uma língua serem usadas com partes da segunda língua. No entanto, esse tipo de evolução lexical tende a preocupar educadores e pais preocupados com o desenvolvimento infantil. No entanto, o *code-mixing* infantil tende a acontecer de forma rápida,

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: uma área ativa da pesquisa desde 2000 seguiu evidência anterior para uma vantagem cognitiva em bilíngues por focar no conjunto de habilidades cognitivas conhecidas como funções executivas. Esses são processos responsáveis pela atenção, seleção, inibição, alternância e flexibilidade que estão no centro dos processos superiores. Novas pesquisas estão agora oferecendo forte evidência de que o bilinguismo precoce tem o poder de agrupar o desenvolvimento precoce dessas habilidades cruciais e mantê-las em alto nível quando comparados com monolíngues na vida adulta e em idade avançada.

enquanto a criança está dominando as regras sintáticas das duas línguas. A partir do seu domínio, elas passam a usar o fenômeno em situações circunstanciais onde há necessidade, como na falta de um vocabulário específico (*code-switching*). É importante destacar que o *code-mixing* infantil não é uma indicação de algum tipo de problema ou confusão para o desenvolvimento linguístico infantil, pois a criança consegue diferenciar as línguas.

## 2.7 CODE-SWITCHING

Como mencionado acima, existem diversos fenômenos linguísticos que podem ser presentes na vida de falantes bilíngues. Do mesmo modo que o *code-mixing* existe, há também o que é chamado de *code-switching* – em português, também é conhecido por alternância de línguas (DE SOUSA; QUADROS, 2012). Uma pesquisa desenvolvida por López e Gonzalez-Davies (2015) afirma que, para a ocorrência do fenômeno, a conversa normalmente necessita estar ocorrendo entre duas ou mais pessoas que compartilham da mesma língua adicional (L2). Por exemplo, um falante bilíngue que possui o português como sua língua materna (L1) e o inglês como sua L2 pode fazer uso dessa língua ao conversar com outro falante bilíngue que também possui o português como sua L1 e o inglês como a sua L2. Um exemplo de como o *code-switching* pode ser utilizado durante uma conversa informal pode ser visto na seguinte frase: “Pode me devolver a caneta hoje ou amanhã, não vou mais usar ela hoje *anyway*.” Nesse caso, o *code-switching* foi feito com o uso de apenas uma palavra, mas há também a possibilidade de fazer o mesmo com uma frase, por exemplo. Importante destacar que o que caracteriza esse fenômeno linguístico é a troca completa de uma língua para outra e, depois, o seu retorno para a primeira; quando o falante traz um elemento da L2 e o integra ao seu discurso, temos a ocorrência de um fenômeno linguístico chamado *borrowing*<sup>5</sup>.

A possibilidade do uso do *code-switching* quando o interlocutor não compartilha da mesma L2 com o falante também existe, mas, no entanto, é muito mais incomum, visto que o falante teria o risco de não ser compreendido – não atingindo o seu propósito, o de comunicação por meio da língua. Dentre as razões pelas quais o falante poderia escolher fazer uso do *code-switching* podem estar a exclusão ou a inclusão de algum dos participantes da conversa ou até

---

<sup>5</sup> Para maiores definições e exemplos acerca do *borrowing*, recomenda-se a leitura do primeiro capítulo de Grosjean e Li (2013).

mesmo pela falta de um correspondente adequado na língua em que a conversa está ocorrendo, como informam Grosjean e Li (2013).

## 2.8 CODE-BLENDING

Como mencionado anteriormente, alguns recursos linguísticos bilíngues são disponíveis apenas para bilíngues bimodais, e um exemplo disso é o *code-blending*. Ele é um produto do contato linguístico marcado pela modalidade visuoespacial das línguas de sinais. Ainda que, de certo modo, ele possa assemelhar-se ao *code-switching*, é importante destacar que eles não são o mesmo processo. Enquanto no *code-switching* o falante alterna-se linguisticamente entre as duas línguas que domina, como visto anteriormente, no *code-blending* o uso das duas línguas é feito de modo simultâneo, e por isso ao fazer uso de duas línguas de modalidades diferentes (oral e sinalizada) é possível efetuar a comunicação nas duas ao mesmo tempo – também justificando, assim, o motivo de pessoas bilíngues unimodais não terem acesso ao fenômeno, uma vez que não é possível falarmos duas línguas orais ao mesmo tempo. Contudo, é também possível realizar o *code-switching* entre duas línguas de diferentes modalidades, ainda que isso não seja muito comum, como demonstra o estudo de Emmorey et al. (2008). Ao realizar o *code-blending*, o falante faz uso simultâneo não somente das duas línguas, mas também de expressões não-manuais, como expressos faciais e corporais.

Uma das diferenças entre os dois fenômenos é que o *code-blending* não ocorre pelo sentimento de falta de alguma palavra ou frase específica daquela L2, mas sim porque algum processo psicolinguístico o levou a isso. De acordo com Swanwick (2015), o *blending* seria “[...] a natural feature of talk in a bimodal bilingual language environment”<sup>6</sup> (SWANWICK, 2015, p.7). As razões exatas pelas quais o *code-blending* ocorre ainda não estão muito bem delimitadas, tendo em vista que, em comparação aos outros fenômenos linguísticos existentes, vem sido estudado com mais profundidade há não muito tempo.

De acordo com Ding (2015, p. 246), “[...] for the code-blending in daily life, the production of the matrix language is goal-directed while that of the accompanying words or signs in the nonmatrix language is mainly spontaneous”<sup>7</sup>. Com base nessa afirmação, podemos inferir

<sup>6</sup> Tradução nossa: “uma característica natural da conversa, em um ambiente linguístico bilíngue bimodal”.

<sup>7</sup> Tradução nossa: “para o *code-blending* na vida diária, a produção da língua matriz é direcionada a objetivo enquanto que as palavras que a acompanham ou os sinais da língua não matriz são principalmente espontâneos.”.

que o *code-blending* é um fenômeno natural que ocorre espontaneamente para os falantes bilíngues bimodais. Porém, é necessário observar que o mesmo autor informa que em condições experimentais, para fins de pesquisa científica, o resultado pode não ser o mesmo, pois ao ter consciência de que para participar do estudo é necessário conhecer ou fazer uso do *code-blending*, isso poderia tornar o processo das duas línguas utilizadas “goal-directed”<sup>8</sup> (op. cit., p. 246). Isso ocorre porque, conforme Emmorey et al. (2008) explicam em seu estudo, durante essas conversas o falante estará fazendo uso de uma “Língua Matriz” e de uma “Língua Integrada”<sup>9</sup>; a primeira provendo uma estrutura sintática adequada para a conversa e a outra, por consequência, não terá sua parte sintática gramaticalmente correta.

## 2.9 SIMULTANEOUS COMMUNICATION/TOTAL COMMUNICATION

Há outro fenômeno linguístico presente no bilinguismo bimodal que se chama *Simultaneous Communication*<sup>10</sup> (SimCom), que pode ser confundido com o *code-blending*, uma vez que suas características de produção de língua oral e concomitantemente sinalizada são muito similares; no entanto, são dois fenômenos distintos. Enquanto o *code-blending* é o produto de uma interação bilíngue bimodal natural, SimCom é considerada mais “artificial” no que diz respeito à sua produção, desde que ela é planejada e pensada para que ocorra uma realização da língua oral gramaticalmente correta tanto quanto a realização da comunicação sinalizada igualmente correta (EMMOREY et al., 2008). É também por isso que Ding (2015) relata que, durante estudos científicos, ao invés de ocorrer uma produção de *code-blending*, essa comunicação seja feita por meio da Comunicação Simultânea, pois perde o seu caráter de “naturalidade”.

A Comunicação Simultânea, também conhecida por Comunicação Total (*Total Communication*), é frequentemente utilizada por educadores para que possam ministrar aulas e/ou palestras para onde encontre em um mesmo ambiente surdos e ouvintes como público. Há muitos estudos que falam sobre o tema utilizando os pares de línguas inglês e ASL (*American Sign Language*<sup>11</sup>), mas, ainda que esse método já seja consagrado como uma das opções

<sup>8</sup> Tradução nossa: direcionado ao objetivo direto.

<sup>9</sup> No estudo, as línguas são chamadas de *Matrix Language* e *Embedded Language*, respectivamente.

<sup>10</sup> Iremos considerar a tradução como Comunicação Simultânea.

<sup>11</sup> Língua de Sinais Americana, em português.

possíveis para comunicação em sala de aula, há algumas pesquisas feitas que questionam a eficácia e efetividade desse método, como o realizado por Tevenal e Villanueva (2009). Estudos realizados por Emmorey et al. (2008) também demonstram que os falantes, embora possam fazer uso de duas línguas ao mesmo tempo, somente podem computar uma única mensagem por vez – ou seja, não é possível falar de duas coisas completamente distintas simultaneamente em duas línguas.

Nesta seção, foram considerados os conceitos básicos sobre o bilinguismo bimodal, que dão suporte para a discussão em torno do *code-blending*. Em suma, o bilinguismo bimodal se constitui a partir de uma visão de língua que atesta o status da Libras enquanto uma língua estruturada e que, assim como as línguas orais, é usada em vários cenários, coexistindo com outras línguas. O produto dessa existência é observado como *code-mixing* e *code-switching*. Porém, devido a modalidade das línguas de sinais, existe a possibilidade de haver sobreposição na produção de sinais e palavras. Para refletir sobre como isso acontece e responder a proposta de estudo deste trabalho, iremos para o próximo passo do trabalho, que é a sua metodologia.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os aspectos metodológicos do presente estudo para a conclusão de trabalho de conclusão de curso. Serão colocados o objetivo geral e os objetivos específicos bem como os passos metodológicos para o levantamento de dados. Trata-se de uma revisão sistemática de trabalhos na área do bilinguismo bimodal, mais especificamente do *code-blending*. Para a obtenção dos dados, a coleta se deu a partir de base de dados.

Este estudo tem como tema o *code-blending* em bilíngues bimodais e sua constituição na literatura acadêmica. As questões que motivaram o presente estudo são as seguintes: Como o *code-blending* é caracterizado na literatura acadêmica sobre o bilinguismo bimodal? Qual é o seu alcance em publicações tanto no Brasil quanto em outros lugares? Para responder a essas, os objetivos geral e específicos, bem como a plataforma de pesquisa e os demais cuidados utilizados serão descritos a seguir.

#### 3.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivos gerais averiguar o que a literatura da área da linguística apresenta sobre o *code-blending* em bilíngues bimodais e analisar impacto de estudos sobre o assunto na construção teórica dessa modalidade de bilinguismo, por meio de uma revisão sistemática na base de dados da CAPES.

#### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O presente estudo foi norteado pelos seguintes objetivos específicos. A primeira parte se constitui em uma breve análise quantitativa e tem o seguinte objetivo:

(a) Listar as publicações sobre o *code-blending* em bilíngues bimodais em revistas/periódicos nacionais (em Língua Portuguesa) e internacionais (em Língua Inglesa).

A segunda parte do estudo conta como uma breve análise qualitativa e tem os seguintes objetivos:



(b) Descrever as características dos estudos no sentido de refletir sobre como eles ajudam a caracterizar o *code-blending* em bilíngues bimodais; e

(c) Refletir sobre possíveis temas e necessidades de estudo para ampliar o conhecimento sobre o *code-blending* em bilíngues bimodais, tanto no Brasil como internacionalmente.

### 3.3 PLATAFORMA DE PESQUISA E DEMAIS CUIDADOS

O estudo usou a combinação dos seguintes termos para pesquisa: *code-blending* associado à *sign language*; *code-blending* associado à *sign language interpreter*; *code-blending* associado à Libras. Foram excluídos estudos que tratavam do fenômeno *code-blending* em línguas orais. O escopo desse trabalho foi conduzido de forma inicial e por isso para a análise qualitativa foram considerados apenas dez artigos, selecionados pela quantidade de citações em outros trabalhos. Esta pesquisa foi realizada seguindo princípios da pesquisa de literatura sistemática. Esses princípios sugerem que estudos de ordem teórica devam ser feitos de forma que possam ser reproduzidos em outros estudos. A partir de uma base de pesquisa virtual de periódicos, no caso, a da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES<sup>12</sup>, o estudo foi realizado. A plataforma foi escolhida devido ao fato de ser a mais utilizada para pesquisas dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na próxima seção apresentaremos os resultados e a discussão dos achados durante a pesquisa.

---

<sup>12</sup> Para fins de conhecimento, tal base de dados, de caráter institucional e governamental, pode ser acessada através do endereço eletrônico: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do estudo realizado, a pesquisa resultou inicialmente em uma sequência de tabelas que serão aqui descritas. Inicialmente, faremos a exposição dos principais resultados e em seguida faremos a discussão dos mesmos. Nossos primeiros objetivos foram de avaliar o alcance da literatura sobre *code-blending* em Língua Portuguesa e Inglesa. A seguir colocamos os resultados de acordo com os termos descritores encontrados. O número de artigos inicialmente encontrado foi de vinte e dois (22) artigos, mas, após a análise criteriosa, resultaram em dez (10) artigos. Foram excluídos da amostra artigos que utilizavam a palavra descritora apenas nas referências bibliográficas, sem tratar do assunto no corpo do artigo.

Tabela 1 – *Code-blending e sign language*

Nome do artigo	LS	Autoria-ano	Periódico
HAPPEN CAN'T HEAR: An Analysis of Code-Blends in Hearing, Native Signers of American Sign Language.	ASL	Bishop, Michele 2011	Deaf Studies
Semantic Integration and Age of Acquisition Effects in Code-Blend Comprehension	ASL	Giezen, Marcel R; Emmorey, Karen 2016	Journal Of Deaf Studies And Deaf Education
Quantitative and qualitative aspects of switching between Estonian Sign Language and spoken Estonian	Estônia	Kadri Hein 2013	Eesti Rakenduslingvistika Ühingu Aastaraama
Bilingual Processing of ASL-English Code-Blends: The Consequences of Accessing Two Lexical Representations Simultaneously	ASL	Emmorey, Karen; Petrich, Jennifer A. F.; Gollan, Tamar H. 2012	Journal of Memory and Language

---

Simultaneous perception of a spoken and a signed language: The brain basis of ASL-English code-blends	ASL	Weisberg, Jill; Mccullough, Stephen; Emmorey, Karen 2015	Brain and Language
Bimodal bilingualism *	ASL	Emmorey, Karen; Borinstein, Helsa B; Thompson, Robin; Gollan, Tamar H 2008	Bilingualism: Language and Cognition
Bimodal Bilingualism and the Frequency-Lag Hypothesis	ASL	Emmorey, Karen; Petrich, Jennifer A. F; Gollan, Tamar H 2013	Journal Of Deaf Studies And Deaf Education
Bilingual word recognition in deaf and hearing signers: Effects of proficiency and language dominance on cross-language activation	ASL	Morford, Jill P; Kroll, Judith F; Piñar, Pilar; Wilkinson, Erin 2014	Second Language Research
Relationships Between Spoken Word and Sign Processing in Children With Cochlear Implants	ASL	Giezen, Marcel R; Baker, Anne E; Escudero, Paola	Journal Of Deaf Studies And Deaf Education, 2014
The language development of a deaf child with a cochlear implant	ASL	Mouvet, Kimberley; Matthijs, Liesbeth; Loots, Gerrit; Taverniers, Miriam; Herreweghe, Mieke Van	Language Sciences, January 2013
Bimodal bilingualism as multisensory training?: Evidence for improved audiovisual speech perception after sign language exposure	ASL	Williams, Joshua T.; Darcy, Isabelle; Newman, Sharlene D.	Brain Research, 15 February 2016

---

---

Parallel language activation and inhibitory control in bimodal bilinguals	ASL	Giezen, Marcel R.; Blumenfeld, Henrike K.; Shook, Anthony; Marian, Viorica; Emmorey, Karen	Cognition, August 2015
---	-----	--	------------------------

---

Fonte: a autora.

O segundo termo utilizado para a pesquisa foi *code-blending* e *sign language interpreter*. A seguir colocamos os resultados para essa etapa da pesquisa, na Tabela 2.

Tabela 2 – *Code-blending* e *sign language interpreter*

Nome do artigo	LS	Autoria	Periódico - ano
Bimodal bilingualism	ASL	Emmorey, Karen; Borinstein, Helsa B; Thompson, Robin; Gollan, Tamar H	Bilingualism: Language and Cognition, 2008
Bilingual processing of ASL–English code-blends: The consequences of accessing two lexical representations simultaneously	ASL	Emmorey, Karen; Petrich, Jennifer A.F.; Gollan, Tamar H.	Journal of Memory and Language, July 2012
Semantic Integration and Age of Acquisition Effects in Code-Blend Comprehension	ASL	Giezen, Marcel R; Emmorey, Karen	Journal Of Deaf Studies And Deaf Education, 2016
Sign language interpreter aptitude: The trials and tribulations of a longitudinal study.(Report)	ASL	Stone, Christopher	Translation & Interpreting, Jan 1, 2017
Simultaneous perception of a spoken and a signed language: The brain basis of ASL-English code-blends	ASL	Weisberg, Jill; Mccullough, Stephen; Emmorey, Karen	Brain and Language, August 2015

---

---

Parallel language activation and inhibitory control in bimodal bilinguals	ASL	Giezen, Marcel R.; Blumenfeld, Henrike K.; Shook, Anthony; Marian, Viorica; Emmorey, Karen	Cognition, August 2015
Bilingual word recognition in deaf and hearing signers: Effects of proficiency and language dominance on cross-language activation	ASL	Morford, Jill P; Kroll, Judith F; Piñar, Pilar; Wilkinson, Erin	Second Language Research 2014

---

Fonte: a autora.

O terceiro termo utilizado para a pesquisa foi *code-blending* e Libras. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 3, abaixo.

Tabela 3 – *Code-blending* e Libras

Nome do artigo	LS	Autoria	Publicação - ano
As línguas de bilíngues bimodais	Libras	Ronice Müller de Quadros; Diane Lillo-Martin; Karen Emmorey	Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, 01 September 2016,
Language choice in bimodal bilingual development	ASL-Libras	Lillo-Martin, Diane; De Quadros, Ronice M; Chen Pichler, Deborah; Fieldsteel, Zoe	Frontiers in Psychology, 2014,

---

Fonte: a autora.

No subcapítulo a seguir, buscamos fazer uma análise mais aprofundada de alguns destes estudos encontrados.

#### 4.1 SOBRE OS ESTUDOS ANALISADOS

Além desses estudos expostos graficamente, a lista de referência dos artigos foram examinadas para acrescentar à pesquisa estudos que possivelmente trariam alguma contribuição relevante para o presente trabalho. Com relação aos estudos mencionados na tabela acima e as listas de referências, foram selecionados quatro deles para serem comentados com mais detalhes e, após, realizada discussão acerca de todos os estudos revisados de modo geral. Dentre eles, foram escolhidos os dois artigos em português que mais apareceram nos resultados das pesquisas feitas nas bases de dados consultadas (sendo elas CAPES, PubMed, Cambridge.org, *Scholar Google* e *SciELO*) e nas referências dos artigos estudados. Embora as demais bases de dados tenham sido consultadas na fase inicial do estudo, para fins de revisão sistemática apenas a base de dados da CAPES foi levada em consideração.

As tabelas acima, obtidas de acordo com os processos indicados para a produção de uma revisão sistemática (SAMPAIO; MANCINI, 2007), refletem as colaborações dos estudos de *code-blending* para que o significado de bilinguismo bimodal possa ser repensado e ressignificado. Com base nos três resultados acima reproduzidos, podemos acompanhar quem são os pesquisadores que estão falando acerca desse fenômeno linguístico, o que se está falando sobre isso e em quais áreas de pesquisa. Podemos observar pelas revistas e periódicos nos quais os artigos estão sendo publicados que a área da linguística que vem estudando sobre o *code-blending* e as suas implicações para o bilinguismo bimodal é predominantemente do campo da psicolinguística, referente aos estudos de cognição.

Ainda, podemos observar a predominância dos pares ASL e inglês nos estudos realizados até o presente momento, havendo poucos estudos com as demais línguas e, com relevância para esse estudo, os pares Libras e Língua Portuguesa. Também é perceptível a minoria dos estudos realizados em caráter experimental, sobretudo com adultos; nos estudos analisados, foi possível encontrar pesquisas feitas apenas com crianças e adultos *CODAs*<sup>13</sup>. Tendo esses dados em mente, procederemos para a análise mais detalhadas de quatro dos artigos revisados e para a posterior discussão acerca das impressões obtidas a partir das suas leituras a ser realizada no subcapítulo subsequente.

---

<sup>13</sup> A sigla refere-se à abreviação do inglês para a expressão *Children of Deaf Adults*, em português, crianças com adultos surdos.

## 4.2 ANÁLISE DOS ARTIGOS SELECIONADOS

Nessa seção serão discutidas as informações que mais nos chamaram a atenção enquanto a revisão sistemática fora realizada. Assim, serão a seguir analisados artigos em Língua Portuguesa e artigos em inglês. Os dois trabalhos escritos em Língua Portuguesa (DUARTE; MESQUITA, 2016; QUADROS; LILLO-MARTIN; PICHLER, 2014) foram escolhidos por serem os que mais repercutiram nas buscas dentro das bases de dados consultadas (CAPES, PubMed, Cambridge.org, Scholar Google e SciELO). Um dos artigos em inglês (LILLO-MARTIN et al., 2012) foi selecionado por ter entre seus participantes também uma criança brasileira e uma das autoras, Ronice Quadros, também ser brasileira, colaborando assim para o desenvolvimento de pesquisas nesse campo dentro do país; a nível de informação, vale constar que esse estudo foi feito em colaboração com outros três pesquisadores dos Estados Unidos. O último artigo (EMMOREY et al., 2008) foi selecionado para relato por ser um dos mais relevantes para a área de estudos, bem como ser um dos resultados mais frequentes em todas as pesquisas – dentre as três tabelas criadas, apenas não está presente na Tabela 3, que possuía como entrada de busca os termos *code-blending* e Libras.

O primeiro artigo a ser apresentado chama-se “Considerações acerca do *code-blending* ou sobreposição de línguas e suas relações com o *code-switching*” e foi escrito por Duarte e Mesquita (2016). O trabalho foi realizado no estado Goiás e publicado na Revista Sinalizar. Trata-se de um artigo que busca esclarecer melhor as relações entre os fenômenos *code-blending* e *code-switching* no que tange às suas diferenças e similaridades, além de buscar fornecer informações sobre trabalhos já existentes e, assim, colaborar na criação de trabalhos futuros. Para fazer isso, é realizada uma revisão de bibliografia com estudos que foram considerados importantes pelos autores.

O artigo considera os estudos presentes até o momento da escrita como uma “literatura delicada” (DUARTE; MESQUITA, 2016, p.39). A partir de estudos utilizados, em majoritariamente publicados nas últimas duas décadas, estão pesquisas de cientistas como Quadros e Emmorey, cujos autores mencionam ideias acerca das motivações para o uso do *code-blending* ser preferencial por bilíngues bimodais ao invés do *code-switching*, que é bastante utilizado por falante bilíngues unimodais. Dentre as razões, eles citam:

Apesar da alternância e sobreposição atenderem às intenções comunicativas dos falantes, cumprindo funções discursivas diversas, parece haver funções que são específicas de um ou outro recurso. Sousa e Quadros (2012) citam, por exemplo, a alternância de línguas orais para línguas de sinais no momento de refeições, em que há uma restrição físico-articulatória do canal oral. Essa função da alternância só é possível, vale ressaltar, para bilíngues bimodais. (DUARTE; MESQUITA, 2016, p. 43).

As explicações mencionam também o estudo feito por Emmorey et al. (2008) e suas considerações acerca das razões cognitivas, como características de supressão ou de inibição de línguas. No que diz respeito à comparação entre o *code-blending* e o *code-switching*, os autores classificam algumas das semelhanças dos dois fenômenos linguísticos como sendo o uso de:

[...] recursos linguísticos para atender a uma gama de funções discursivas e pragmáticas; serem indícios de motivações sócio-psicológicas operantes no discurso; [...] serem marcadores de uma determinada situação sociolinguística, no caso de algum grupo ou comunidade linguística; serem relacionáveis a fatores culturais e de identidade[...]. (DUARTE; MESQUITA, 2016, p. 39)

Por se tratar de publicação feita recentemente, pode-se observar que os autores fizeram uso de vários artigos que são relevantes em contribuições para a área. Quanto aos aspectos que poderiam ser melhor abordados pelo artigo, cita-se o fato de terem falado bastante sobre as relações de similaridade com o *code-switching*, porém sem oferecer igual foco às diferenças entre os dois, apenas comunicando motivos para a sua predileção pelos falantes, o que pode confundir o leitor acerca de quais as reais diferenças entre os dois fenômenos.

Quadros, Lillo-Martin e Pichler (2014) realizaram um estudo colaborativo internacional com pesquisadoras do Brasil e dos Estados Unidos. Para a sua realização, foi desenvolvido um experimento com quatro crianças falantes dos pares ASL-ínglês e Libras-Língua Portuguesa, em que foram realizadas filmagens e posteriores transcrições e análises. O estudo visava estabelecer a relação entre os *inputs* recebidos pelos CODAs nas línguas de sinal e oral e o processo de escolha linguístico que envolvia os seus *outputs*. Tal estudo concluiu que a escolha pela língua oral ou pela língua de sinais tem como um de seus fatores dominantes o interlocutor da conversa, mas que outros critérios também são igualmente importantes, como a relevância da língua.

Lillo-Martin et al. (2012) produziram um estudo por meio da filmagem semanal de três crianças, sendo duas dos Estados Unidos e uma do Brasil, com posterior transcrição de trechos relevantes para o estudo. Posteriormente foi realizada uma comparação na produção linguística dos dois participantes dos Estados Unidos (bilíngues bimodais) com a do participante brasileiro



(monolíngue). Na segunda parte do estudo, os comandos dados aos participantes foram efetuados em língua de sinais para que assim as crianças fossem incentivadas a realizarem produções em suas respectivas línguas de sinais (ASL e Libras), de modo que o objetivo fosse verificar como as línguas internalizadas de um bilíngue interagem. Os participantes do estudo eram CODAs e crianças ouvintes que estavam crescendo em casas com surdos usuários de língua de sinais.

Por fim, o último estudo relevante que nos ateu a atenção foi o de Emmorey et al. (2008), realizado nos Estados Unidos. Essa pesquisa experimental foi feita com participantes adultos, ouvintes, que fossem fluentes tanto em ASL quanto em inglês e que tivessem crescido em famílias com pais surdos. Dentre todos eles, apenas dois não faziam uso diário da ASL. Os participantes foram divididos em duplas que já se conheciam previamente e, após, tiveram conversas (registradas em vídeo) de 15 a 20 minutos guiadas por tópicos pré-estabelecidos que eram relacionados à experiência CODA. Eles foram instruídos para que fizessem uso da ASL sempre que sentissem necessidade ou vontade, pois o estudo previa que as suas duas línguas sempre estivessem “ativadas”. Após uma conversa inicial, um desenho animado foi mostrado para os participantes e eles foram requisitados a recontar a história que haviam visto para o outro membro da dupla. A pesquisa observou que a porcentagem de *code-blends* semanticamente equivalentes foram similares às das crianças bilíngues bimodais participantes de estudos anteriores. Também foi identificada a produção de *code-switching* quando não havia traduções claras e equivalentes entre as duas línguas. Esse estudo buscou identificar de que modo a seleção da língua a ser utilizada era feita a partir da observação de diálogos de falantes bilíngues bimodais, verificando se eles produziam mais *code-switching* ou *code-blending* nessas produções. As hipóteses eram de que (a) se a língua de produção fosse definida em um estágio inicial do processo, os participantes iriam produzir mais alternância de códigos; ou (b) se a língua fosse definida em um estágio final da produção em razão de limitações biológicas, os falantes teriam liberdade para fazer o uso do *blending* frequentemente. Outro objetivo relacionado a esse estudo era identificar se a supressão lexical era mais custosa computacionalmente do que a seleção lexical, de modo que fosse possível verificar como ocorria a produção de duas mensagens distintas, uma em cada língua sendo produzida de modo simultâneo (o que demonstraria que falantes unimodais produzem apenas uma mensagem por vez por restrições biológicas, como a existência de apenas um aparelho fonador, no caso de línguas orais). Nesse estudo, também buscou-se identificar se a oposição de línguas matriz-integrada se fazia presente durante a

comunicação natural bilíngue bimodal e suas implicações na escolha de quais substantivos ou verbos seriam produzidos de modo simultâneo.

A partir dessas publicações, voltamos a refletir sobre como o fenômeno do *code-blending* ocorre e como ele pode ser definido, fazendo um contraponto com as demais leituras. Alguns autores consideram que haja sobreposição de línguas apenas quando incluem *produções vocalizadas* (PETITO et al., 2010; EMMOREY et al., 2008; BISHOP, 2010; CHEN PICHLER et al., 2010; DONATI; BRANCHINI, 2010; KANTO et al., 2013; PETROJ et al., 2014). Outros autores consideram sua ocorrência “mesmo quando não há vocalização, somente os enunciados sinalizados acompanhados de articulação bucal de palavras” (VAN DEN BOGAERDE; BAKER, 2005, 2009; BAKER; VAN DEN BOGAERDE, 2008; FUNG, 2012). Assim percebemos que para compreender a constituição deste fenômeno é importante olhar para questões de aquisição e uso da linguagem.

A nomeação desse fenômeno também é um aspecto sobre o qual nos debruçamos durante a leitura. Nomes alternativos foram usados como sinônimos para o bilinguismo bimodal, como *speech-sign* (fala-sinal). Esse é um aspecto importante a ser considerado visto que a forma como as pessoas olham para o *code-blending* pode resultar em diferentes métodos de uso das línguas envolvidas e consequentemente produzir filosofias educacionais. É importante manter em mente que se trata de um fenômeno em que a língua sinalizada também pode influenciar a língua falada, como é visto no “CODA-talk”: quando ASL é a língua base e inglês é a língua de acompanhamento (BISHOP; HICKS, 2005; PRESTON, 1994) ou no “*ASL-influenced English*”: que pode ser traduzido por “inglês influenciado por ASL: “*Happen what?*” (em português: Que acontece?) em uma frase que esteja sendo vocalizada em língua inglesa é uma *word-for-sign translation* (“tradução de signo para palavra”) da frase em ASL “*And guess what?*” (“E adivinha só?”). Uma diferença importante, no entanto, é que o *code-blending* pode ser similar ao *co-speech gesture* (“fala acompanhada de gestos”) no que diz respeito ao *timing* e à coexpressão das modalidades vocal e manual, mas diferente no que diz respeito a convencionalidade, estrutura combinacional e dependência da fala, o que ocorre devido ao motivo do seu funcionamento.

Como discutido por Emmorey et al. (2008), o *code-blending* é frequentemente visto como preferindo a sobreposição entre as línguas em sua maioria procurando usar os verbos. Portanto, para bilíngues unimodais, substantivos são mais facilmente *code-switched* do que os verbos, ou seja, realizariam esse fenômeno mais facilmente. Bilíngues bimodais podem ter menos

dificuldade em “inserir” um verbo da ASL em uma frase produzida na língua inglesa porque o verbo falado pode ser reproduzido simultaneamente ao verbo sinalizado.

Um aspecto importante que acreditamos que também deva ser enfatizado é em como os estudos sobre *code-blending* esclarecem mitos sobre o seu uso. A alternância entre as línguas tem sido marcada por preconceito, pois falar sobre o surgimento de preconceitos e mitos com falantes bilíngues bimodais – o conhecimento popular acredita, na maioria das vezes, que essa ação possui caráter negativo, atribuindo ideias de prejuízo na aquisição e no desenvolvimento da linguagem ou que, ainda, o falante não dominará nenhuma delas corretamente. Além disso, Petitto et al. (2001) argumenta que crianças bilíngues bimodais diferenciam as suas duas línguas (ASL/inglês - Libras/português) desde muito cedo durante suas fases de desenvolvimento, o que demonstra que o *code-blending* não traz prejuízos para o desenvolvimento infantil de CODAs, nem de crianças surdas, mas representa uma oportunidade de uso bilíngue maduro do ponto de vista sintático.

De maneira geral, percebe-se que ainda é preciso realizar mais estudos sobre mais este fenômeno. A impressão que nos fica após a leitura dos artigos é que as pesquisas ainda estão iniciando sua caracterização enquanto fenômeno linguístico e que, por isso, ainda há o que não foi dito sobre isso. Algumas perguntas que traçamos para pesquisas futuras são: o que realmente é o *code-blending* quando visto em todos os seus espaços de uso? Quais são as possíveis questões identitárias envolvidas neste fenômeno? Existem formas e métodos diferentes capazes de olhar para esse fenômeno?

A leitura dos artigos citados demonstra que a literatura sobre o *code-blending* ainda se encontra em uma fase inicial, principalmente nos estudos realizados com essa modalidade no Brasil. É importante reconhecer que o estudo apresentado aqui representa um pequeno esforço de olhar para a literatura de forma sistematizada a fim de conhecer mais sobre o panorama desse tema. Outras revisões precisam ser ainda feitas e com caráter mais aprofundado para não somente termos uma melhor imagem do que foi feito em termos de pesquisa, mas também de levantar questionamentos válidos para subsidiar novos estudos em níveis mais aprofundados desenvolvido em cursos de mestrado e o doutorado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema a literatura sobre o *code-blending* e o seu impacto na construção teórica do bilinguismo bimodal, por meio de uma reflexão sistemática. O objetivo foi levantar dados e oferecer uma reflexão inicial sobre como o fenômeno do *code-blending* é caracterizado na literatura e em que medida ele é discutido. A pesquisa foi realizada em uma base de dados dos periódicos da CAPES por meio de alguns termos-chave. Os resultados compuseram um conjunto de 22 artigos focados principalmente em questões cognitivas. O foco das pesquisas ainda foi conduzido com a ASL, uma vez que ainda existem poucos trabalhos no Brasil. A caracterização deste fenômeno é clara no sentido de oferecer *insights* aos leitores da área da psicolinguística sobre como as línguas ocorrem na mente dos bilíngues e no sentido de mostrar que o *code-blending* não causa prejuízos aos bilíngues bimodais. No entanto, ainda existe a necessidade de se explorar mais este tema para buscar uma compreensão cabal, não somente de como o fenômeno ocorre, se manifesta e se estrutura na mente dos bilíngues, mas também em suas vidas bem como na formação de suas identidades. Futuros estudos possíveis podem ser desenvolvidos na área da sociolinguística buscando relacionar o *code-blending* com a característica identitária dos CODAs e possíveis implicações do fenômeno para a educação dos bilíngues bimodais, bem como para a aquisição de L2 deles. Há também uma necessidade de mais estudos experimentais com CODAs adultos e pessoas que adquiriram a Libras na fase adulta da vida. Estudos que se preocupem em delimitar o que de fato é o *code-blending* ao invés de diferenciá-lo de outros fenômenos como o *code-switching* também são necessários. Outro ponto interessante de estudo é a tradução do termo para o português (sobreposição de línguas) e as implicações desse termo para o entendimento geral do fenômeno no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIALYSTOK, Ellen; BARAC, Raluca. Cognitive Effects. In: GROSJEAN, François; LI, Ping. (Orgs.). **The Psycholinguistics of Bilingualism**. Wiley-Blackwell, 2013.

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SALLES, Heloisa; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO; Orlene; RAMOS, Ana Adelina. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. MEC/SEESP, 2002.

CABRAL NOBRE, Alena Pimentel Mello; DANTAS HODGES, Luciana Vasconcelos dos Santos. A relação bilinguismo-cognição no processo de alfabetização e letramento. **Ciênc. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 180-191, dez. 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212010000300015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000300015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 13 jan. 2018.

DE SOUSA, Aline Nunes; DE QUADROS, Ronice Müller. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português). **Revista virtual de estudos da linguagem**, v. 10, n. 19, p. 329-346, 2012.

EMMOREY, Karen et al. Bimodal bilingualism. **Bilingualism: Language and cognition**, v. 11, n. 1, p. 43-61, 2008.

FINGER, Ingrid et al. Diálogos em Multilinguismo: uma discussão sobre as pesquisas realizadas no LABICO/UFRGS. **Letrônica**, Porto Alegre, RS, v.9, p.97-113, nov. 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/158734>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

FIORIN, J. L. *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2015.

GROSJEAN, François; LI, Ping. **The Psycholinguistics of Bilingualism**. Wiley-Blackwell, 2013. King&Mackey :What if My Child Mixes and Switches Languages? (2007) cap. 9, p. 183-206

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel. **Bilinguality and bilingualism**. Cambridge University Press, 2000.

LÓPEZ, Cristina Corcoll; GONZÁLEZ-DAVIES, Maria. Switching codes in the plurilingual classroom. **Elt Journal**, [s.l.], v. 70, n. 1, p.67-77, 21 out. 2015. Oxford University Press (OUP). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1093/elt/ccv056>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

MUYSKEN, Pieter: Mixed codes. In: AUER, Peter & WIE, Li [eds.]. **Handbook of multilingualism and multilingual communication**. Berlin; New York; Mouton de Gruyter, 2007, p. 315-339.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Política Lingüística, Política Historiográfica: epistemologia e escrita da(s) história(s) da língua(s) a propósito da língua portuguesa no Brasil Meridional (1754-1830)**. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2004.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; LILLO-MARTIN, Diane; PICHLER, Deborah Chen. Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s.l.], v. 14, n. 4, p.799-834, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820146001>>. Acesso em: 21 out. 2017.

SALLES, Heloisa et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, 2007, 11.1.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Multilingualism and the education of minority children. In: Skutnabb-Kangas, Tove & Cummins, Jim (eds.). **Minority education: from shame to struggle**. Clevedon / Avon : Multilingual Matters, 1988. p. 9-44.

SWANWICK, Ruth. Deaf children's bimodal bilingualism and education. **Language Teaching**, [s.l.], v. 49, n. 01, p.1-34, 7 dez. 2015. Cambridge University Press (CUP).

TEVENAL, Stephanie; VILLANUEVA, Miako. Are You Getting the Message?: The Effects of SimCom on the Message Received by Deaf, Hard of Hearing, and Hearing Students. **Sign Language Studies**, [s.l.], v. 9, n. 3, p.266-286, 2009. Johns Hopkins University Press.

VIAN JR, Orlando; WEISSHEIMER, Janaina; MARCELINO, Marcello. Bilinguismo: aquisição, cognição e complexidade. **Revista do GELNE**, v.15, n.1/2, p.399-416, 2016.